

Como as redes sociais e a comunicação hoje violentam o ser? Um ensaio acerca dos malefícios da ‘hipercomunicação’ dentro do atual sistema financeiro e comunicacional

Maria Clara Matos²

RESUMO

Este ensaio é baseado fundamentalmente nas teorias do filósofo e professor da Universidade de Berlim Byung Chul Han, e tem como objetivo questionar as consequências do uso quase que inconsciente das redes sociais como meio de comunicação exagerada, visando questionar até que ponto as mesmas podem modificar comportamentos, escolhas e impor padrões de consumo com técnicas de poder instruídas pela hipercomunicação e pela violência da positividade e seu estímulo constante à comunicação por intermédio do digital.

PALAVRAS-CHAVE: redes sociais; hipercomunicação; capitalismo informacional; panóptico digital; Byung-Chul Han.

O paradoxo estrutural da comunicação hoje

Impulsionada pelas redes, a forma com que nos comunicamos hoje mudou completamente. A sociedade atual pode ser considerada uma sociedade do desempenho disfarçada de sociedade da liberdade, com base, principalmente, no modo em que a comunicação viu suas estruturas primordiais serem reconstruídas pela era digital. Acreditamos que temos escolhas e ignoramos os estímulos mentais e a internalização de comportamentos difundidos silenciosamente pelas redes sociais, e isso ocorre porque nossos moldes de transmissão de informação foram brutalmente modificados. As redes sociais, como tentáculos da comunicação moderna, passaram a integrar os receptores a ponto de transformá-los em uma espécie metamórfica de receptor e transmissor simultâneo. Hoje, não precisamos de um intermediário; qualquer um pode exprimir ativamente informações e pensamentos, e assim vivemos em uma suposta democracia da comunicação, a qual todos podem ter direito a uma fala, e, mais do que isso, a uma fala que pode ser repercutida por milhares de quilômetros. A falta de um intermédio e o estímulo constante à exposição que alimenta a máquina das redes cria uma falsa sensação de 'democracia da palavra'. Todos podem se expressar, e com likes, retweets e compartilhamentos, tais expressões são fortemente endossadas, mesmo se não transmitam veracidade - O que pode ser, ao mesmo tempo, uma dádiva e uma espécie de maldição. Em sua bibliografia, Byung Chul Han disserta e muitas vezes abomina o uso contínuo e desproporcional dos aparatos digitais, que acaba por 'desinteriorizar' o sujeito.

Ou seja, se somos nós que estamos nos comunicando, a responsabilidade automaticamente recai sobre nós. Somos como um sujeito autônomo de desempenho que vive por uma performance laboral e, ao chegar em casa ou fazer uma pausa no trabalho também performa online. A psicopolítica que obriga à comunicação e à informação contínua, mesmo que por assuntos banais e sem ligação com o interesse público. A violência da positividade afeta diariamente as relações sociais, por mais ínfimas e superficiais que pareçam ser. Hoje, não há convencimento, cooperação e nem trabalho que não seja infectado pelos tentáculos 'otimistas', 'inovadores' e 'estimulantes' do poder inteligente - e ele tem relação direta com um oceano denso de dados. O Big Data só passou a ser realmente difundido a partir de 2005 devido à publicação de um artigo de autoria de Roger Magoulas, diretor de Marketing Research na O'Reilly Media. Diferente do que pode ser difundido, ele não é apenas uma ferramenta de volume de dados. Ele é, na verdade, um mecanismo estratégico de análise, que interpreta e prevê comportamentos de consumidores.

O papel do Big Data dentro do capitalismo informacional

O poder do panóptico se baseia na vigilância constante de indivíduos. De forma resumida, panóptico é um termo criado pelo jurista Jeremy Bentham no século XVIII e utilizado para designar uma penitenciária ideal, a qual permite a um único vigilante observar todos os prisioneiros, sem que estes possam saber se estão ou não sendo vigiados. Ela seria caracterizada pela presença em seu centro uma torre de vigia e em suas periferias, um anel com cubículos divididos. A torre é composta por janelas que permitem visualizar a face interior das celas, e toda cela tem uma abertura em sua face interna, perfeita para a observação a partir da torre, e uma abertura para fora, de maneira que a luz do sol possa iluminar qualquer atividade em seu interior - dessa forma, quem se encontra dentro da torre consegue saber o que se passa dentro das celas sem que os prisioneiros o veja. Mais tarde, Foucault se apropria do termo e vai além. Ele ultrapassa o modelo arquitetônico e consolida o panóptico como uma ferramenta de controle acima de uma construção material, e assume a forma de biopoder.

² Graduanda em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, e-mail: mariasantana@casperlibero.edu.br

Michel Foucault avalia a construção do mecanismo disciplinar da seguinte forma: “quanto maior o número de informações em relação aos indivíduos, maior a possibilidade de controle de comportamento desses indivíduos” (FOUCAULT, 2002). Assim, é possível traçar um paralelo com o controle na era informacional e com o panóptico digital assegurado por Han e também suas diferenças com o foucaultiano. O controle da ferramenta no mundo digital não se dá pela coerção e sim pela liberdade e pela hipercomunicação. Não o isolamento, mas sim a indução constante de ações em que o indivíduo acredita que ele mesmo está escolhendo o que e quando compartilhar conteúdo nas redes sociais, e não uma pressão digital (como notificações constantes, lembrando de responder, postar ou republicar algo) que tornam, nas palavras do filósofo, "o controle total possível". A diferença entre os prisioneiros nas penitenciárias de Bentham e no panóptico digital é que há uma dificuldade muito maior de reconhecer o último, pois ele é propositalmente diluído.

Contudo, em *No Exame - perspectivas do digital*, Han comenta as falhas em ambas as estruturas de poder apresentadas acima. O controle biopolítico se refere somente a fatores exógenos ao inconsciente humano, como reprodução e mortalidade. Ele afirma que os pensamentos permanecem ocultos ao sistema de controle proposto por Foucault, que não consegue adentrar a psique do povo. Porém, por que o pensador acredita que consegue, com sua exatidão e segurança invejáveis, mapear a mente humana? Não apenas uma, mas de toda uma população submetida a técnicas de poder sofisticadas.

O Big Data só passou a ser realmente difundido a partir de 2005 devido à publicação de um artigo de autoria de Roger Magoulas, diretor de Marketing Research na O'Reilly Media. Diferente do que pode ser difundido, ele não é apenas uma ferramenta de volume de dados. Ele é, na verdade, um mecanismo estratégico de análise, que interpreta e prevê comportamentos de consumidores. É dessa forma que o marketing digital trabalha na internet e nas redes. Mas Han vai muito além: afirma que o sujeito acaba se tornando o panóptico de si mesmo.

O capitalismo não gosta do silêncio e o panóptico digital

A psicopolítica se faz presente quando padrões e modelos de comportamento humano podem ser decifrados pelo Big Data, segundo Han. Há algum tempo, a seguinte frase, que viralizou nas redes: “Disse para um amigo que a *Apple* sabe tudo sobre nossas vidas e ele afirmou que eu estava exagerando. Ele riu. Eu ri. A Siri riu também”.

Av. Paulista, 900 - 5º andar - CEP 01310-940 - São Paulo – SP - Tel.: (011) 3170-5880 | 3170-5881 | 3170-5883 Fax: (011) 3170-5891 - www.casperlibero.edu.br – e-mail: faculdade@casperlibero.edu.br



Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações
Públicas, Rádio, TV e Internet Especialização e
Mestrado em Comunicação

"Os usuários da infraestrutura digital se acreditam “livres” navegando na internet quando, na verdade, estão plenamente expostos diante das empresas que coletam, armazenam, vendem e manipulam seus dados

peçoais" escreveu Davi Lago em 2019 para o Estado da Arte, projeto digital do jornal O Estado de S. Paulo. E além do especificado por ele, há o controle pela previsão de comportamentos com a análise e manipulação desses dados. Em *Capitalismo e Impulsos de Morte*, Han traz à tona a empresa norte-americana de coleta de dados Acxiom. Ele afirma que a companhia, que trabalha especificamente para o campo de marketing, divide as pessoas economicamente em 70 categorias, e aqueles com um valor baixo são classificados como "lixo" ou "perda". A organização possui dados de cerca de 300 milhões de cidadãos norte-americanos, ou seja, praticamente da população inteira dos Estados Unidos.

Com isso, é possível afirmar que não existe liberdade nas redes sociais porque hoje praticamente não há como se negar a utilizá-las. O e-commerce dominou o mercado e o mundo de trabalho segue cada vez mais próximo de uma prisão digital, em que os funcionários de grandes empresas acreditam que há alguma 'liberdade' em trabalhar de casa com seus computadores, quando na realidade estão sendo vigiados a todo o momento. O panóptico digital prova assim sua eficiência. É facilmente aceito porque quem dele sofre não acredita que está sendo manipulado, pelo menos até revelações surgirem na mídia tradicional. Além disso, a possibilidade de decifrar modelos de comportamento a partir de rastros digitais anexados ao Big Data é não algo exclusivo ao meio do marketing comercial. O caso do escândalo Facebook e da empresa de consultoria política Cambridge Analytica envolve a coleta de informações pessoais sem autorização de mais de 80 milhões de usuários do Facebook. Desde 2014 eram recolhidos sem autorização. Os dados foram utilizados por políticos para influenciar a opinião de cidadãos em eleições mundo afora.

Em outubro de 2021, Frances Haugen, ex-funcionária da Meta, denunciou a gigante de tecnologia ao Senado dos Estados Unidos. Segundo ela, os executivos da empresa costumavam optar pelo lucro em detrimento da segurança do usuário. Em *Psicopolítica - O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*, Byung Chul Han discorre sobre a apatia e o desinteresse do cidadão comum na sociedade neoliberal em temas como política e economia, por exemplo. Segundo ele, a população reclama de forma passiva, sem exigir mudança, como um consumidor em uma loja - ou em uma democracia de espectadores. Contudo, é curioso pensar que Han não enxerga a carência de atividade política como uma espécie de exaustão em meio ao sistema inserido. Há uma demonização constante dos militantes digitais e quase nenhum reconhecimento dos mesmos como vítimas do sistema que ele tanto critica.

Av. Paulista, 900 - 5º andar - CEP 01310-940 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 3170-5880 | 3170-5881 | 3170-5883 Fax: (011) 3170-5891 - www.casperlibero.edu.br - e-mail: faculdade@casperlibero.edu.br



Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações
Públicas, Rádio, TV e Internet Especialização e
Mestrado em Comunicação

Tal medida estaria ligada diretamente ao uso da comunicação em prol da ditadura da transparência do poder inteligente, por meio do uso excessivo de uma "liberdade" que, quando analisada de perto, não existe. O neoliberalismo transforma o cidadão em um consumidor, antes de tudo, da informação. Ele consome e produz

informação em excesso, de tal forma que acredita ser por livre escolha, mas na verdade é fruto da indução de uma violência interiorizada a se comunicar constantemente, produzindo a matéria prima que alimenta o sistema contínuo do panóptico digital. Dessa forma, o *oversharing* por meio de redes sociais se tornou um reflexo, quase que instantâneo, dessa manutenção específica e sucinta de controle. O compartilhamento excessivo de informações pessoais em um perfil é apenas um indício de como o capitalismo se retroalimenta por meio da comunicação e da exploração do psicológico humano. A está relacionada com a economia que torna o ato de sobreviver absoluto em comparação ao de viver bem. Uma sociedade dominada pela histeria de sobreviver é uma sociedade de *mortos-vivos* que não conseguem nem viver nem morrer. Dessa forma, uma histeria por sobreviver toma conta do sujeito, que, com as pressões exercidas pela realidade material que está inserido, acaba por "transbordar" muitas vezes nas redes. A psicopolítica neoliberal obriga à comunicação e à informação contínua, mesmo que por assuntos banais e sem ligação com o interesse público.

Por outro lado, um fator crítico e controverso que Han disserta acerca das redes é, aos seus olhos, a sua ineficiência no mundo material. Afirma, inclusive, que a indignação digital não é *cantável*, se referindo às canções homéricas que levavam cidadãos da Grécia antiga a lutarem por uma narrativa heróica e forte. Não há compostura, não há distância, e assim as ondas digitais estão infectadas pela dispersão, falta de comprometimento e sentimentalismo. Tais características, segundo Han, não sobrevivem na esfera pública, mas a ideia será questionada ao longo do texto. Na maioria dos seus pensamentos, Han permanece atado à exatidão. A massa digital é, em sua maioria, completamente dispersa, mesclando temas de forma volátil e randômica. Em um mesmo perfil, às vezes, é possível observar curtas críticas publicadas a respeito de ideias fascistas em construção e, segundos depois, um comentário pessoal e completamente desvinculado da ideia de interesse público. As redes sociais, diferente do que se pode pensar, não são "ágoras modernas", ou seja, espaços abertos, públicos e com uma função social na Grécia Antiga.

Entretanto, é possível afirmar que as redes sociais foram um espécie de combustível para a quebra de paradigmas e governos no mundo árabe desde 2010. Não há como apagar a seu papel como catalisador da derrubada de Estados autocráticos no oriente médio e suas consequências no mundo material, que não se

Av. Paulista, 900 - 5º andar - CEP 01310-940 - São Paulo – SP - Tel.: (011) 3170-5880 | 3170-5881 | 3170-5883 Fax: (011) 3170-5891 - www.casperlibero.edu.br – e-mail: faculdade@casperlibero.edu.br



Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações
Públicas, Rádio, TV e Internet Especialização e
Mestrado em Comunicação

restringiram à uma massa dispersa e sim se fecharam em uma comunidade organizada de cidadãos. A Primavera Árabe iniciou-se em dezembro do ano de 2010, com a manifestação do jovem tunisiano, Mohamed Bouazizi, ateou fogo em seu próprio corpo. A quebra de estruturas políticas no Oriente Médio e no Norte da África, foi denominada "Primavera Árabe". As revoltas aconteceram em efeito dominó, e todas com – na Tunísia, teve início em dezembro de 2010; no Egito, em janeiro de 2011; e na Líbia, em fevereiro de 2011.

O Facebook e Twitter representaram um espaço onde a sociedade pôde expressar sua indignação e trocar informações sobre a resistência aos governos autoritários, adotando movimentos de abrangência transnacional e também internacional. A mídia social foi utilizada como uma ferramenta estratégica para organizar encontros e manifestações de resistência aos governos autoritários, e, conseqüentemente, de mudança.

Dessa forma, os manifestantes conseguiram coordenar e estruturar movimentos contestatórios aos regimes em que viviam, alcançando impacto. Isso acabou sugerindo uma nova revolução nos meios de comunicação sociais emergentes com imensas implicações estratégicas para o futuro "Entende-se que os cidadãos foram grandes responsáveis pela divulgação dos acontecimentos através das mídias sociais, que possibilitaram a propagação dos levantes populares", escreveram os internacionalistas Jaqueline Zandona Bartkowiak, Thatiane de Almeida Fonseca, Gabriel Motta Mattos e Vitor Henrique do Carmo Souza. Dessa forma, não é razoável seguir a máxima de Han sobre a massa dispersa e inútil que compõem as redes. Há uma articulação dos movimentos políticos através das redes sociais, queira ele ou não. Hoje as empresas são "canceladas" por comportamentos julgados incorretos e têm de emitir comunicados oficiais por meio das redes sociais muitas vezes.

Han exemplifica a diferença entre os dois tipos de dominação, a do fechamento e da abertura, em *Capitalismo e Impulso de Morte (ensaios e entrevistas)*: existem duas grandes construções. Uma delas é a Flagship-Store da Apple, localizada em Nova York. Sua construção é transparente, e ela é classificada por Han como uma contra imagem arquitetônica de Caaba, na Arábia Saudita. Caaba é considerada pelos islâmicos como o centro de maior importância da sua religião, e se apresenta como uma enorme caixa preta situada em Masjid al-Haram, na cidade de Meca. A loja da Apple, contudo, não se encontra na construção transparente, e sim no subsolo. Sua estética é utilizada para simbolizar uma espécie de fluidez e veracidade, mas seus aparelhos, funcionários e a sua função material estão abaixo do que se pode ser visto - ao meu ver, como também acontece nas redes.

Av. Paulista, 900 - 5º andar - CEP 01310-940 - São Paulo – SP - Tel.: (011) 3170-5880 | 3170-5881 | 3170-5883 Fax: (011) 3170-5891 - www.casperlibero.edu.br – e-mail: faculdade@casperlibero.edu.br



Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações
Públicas, Rádio, TV e Internet Especialização e
Mestrado em Comunicação



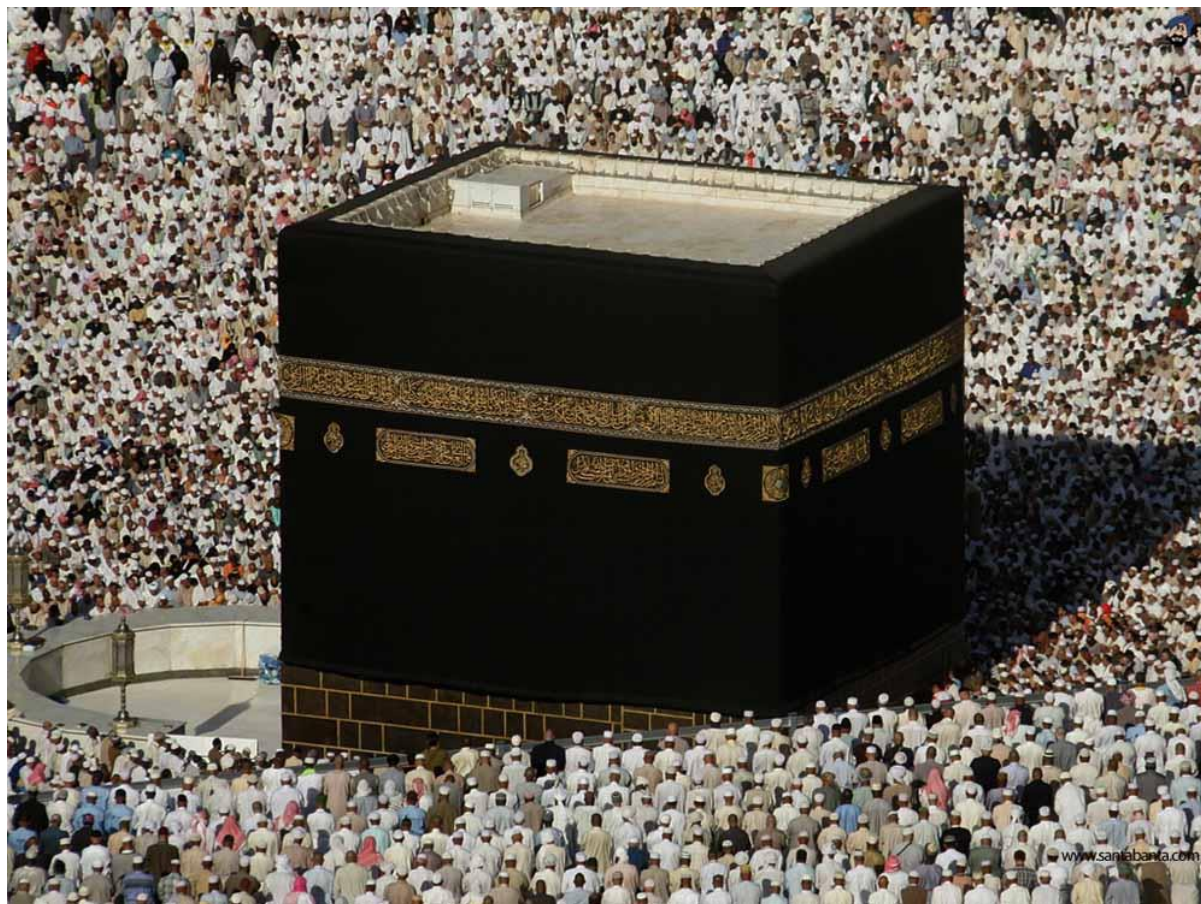
Flagship Store da Apple em Nova York. Foto: Divulgação/ Apple Newsroom

Han acredita que o cubo de vidro da gigante tecnológica representa a comunicação total de hoje, e, acrescento, a falsa transparência das empresas e do capitalismo. Além dela, para ele, ela "festeja" o papel que da hipercomunicação inserido no sistema, simbolizando - e generalizando - a comunicação, que, em suas palavras, coincide e se aproxima cada vez mais com o controle e a exploração totais. "O panóptico digital não é uma sociedade disciplinar biopolítica, mas sim uma sociedade da transparência psicopolítica" (NO ENXAME, P. 130).

Av. Paulista, 900 - 5º andar - CEP 01310-940 - São Paulo – SP - Tel.: (011) 3170-5880 | 3170-5881 | 3170-5883 Fax: (011) 3170-5891 - www.casperlibero.edu.br – e-mail: faculdade@casperlibero.edu.br

casper

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações
Públicas, Rádio, TV e Internet Especialização e
Mestrado em Comunicação



All-Caaba al-Musharraf Ah, localizado na Arábia Saudita. Foto: Divulgação

A violência 'positiva' e suas consequências

Botões em formato de coração, cores alegres e frases motivacionais: as postagens esteticamente prazerosas lotam as telas de usuários e moldam sua maneira de viver e enxergar o mundo que os cerca. Há uma violência invisível, incolor e que é internalizada de forma inconsciente. Existe também uma ideia curiosa de que as emoções humanas são exploradas por meio do aperfeiçoamento da comunicação digital, e por isso é tão difícil de acreditar que estamos sendo violentados de alguma forma. Vomitamos e consumimos sentimentos alheios, em um modo imaterial de produção. Por isso, Han não erra quando afirma que estamos também nos tornando o panóptico de nós mesmos.

A violência ganha uma forma etérea e invisível no mundo do capitalismo informacional, e por isso, também, é tão efetiva - justamente porque não pode ser facilmente identificada. Entretanto, a pergunta que permanece, é como algo tão abstrato e quase invisível pode manipular tão fortemente a mente humana? Se o poder inteligente realmente existe, e foi criado para tal finalidade, como ele atua? A resposta é destrinchada a partir de conceitos complexos da psique humana. O aparelho psíquico freudiano é utilizado por Han como uma referência para compreender como os tentáculos digitais se apropriam de nós. É formado pelo Id, Ego e Superego, três elementos da psique que juntos trabalham no subconsciente humano em que comportamentos são internalizados. "*Diante da falta do ser, surge o nervosismo*" (TOPOLOGIA DA VIOLÊNCIA, P. 49). Mas além dele, efeitos como a depressão, o burnout e a ansiedade - que, segundo Han, não são formados a partir de um processo de repressão negativo - são exemplos de como a violência internalizada pode acometer

alguém. Existe uma discussão importante sobre o sujeito de desempenho no mundo material, que sai para trabalhar todos os dias, contudo, há também o sujeito de desempenho no mundo digital. A ludicidade do mundo digital faz com que acreditem muitas vezes que as redes são inofensivas e que não requerem muito esforço, o que é um engano. Influenciadores digitais e até mesmo pessoas comuns que não monetizam ao utilizar o Instagram, por exemplo, passam constantemente por um processo performático que exige e impõe padrões de comportamento.

Dessa forma, a violência que Han discorre sobre não é a mesma que Freud, com quem ele pressupõe. Diferentemente dele, que traz como utensílios de controle a negação, as proibições e a repressão, os botões de curtir e as notificações acabam por desenvolver uma dependência tecnológica aliada a um excesso de positividade e aparente liberdade. A violência sistêmica das redes ocorre então sem dominação visível, e por isso leva à auto exploração do universo digital. O vício em redes sociais e as consequências químicas para o organismo podem talvez serem considerados exemplos de como esses comportamentos internalizados transbordam para fora da mente, atingindo o corpo humano.

Ainda em relação à Meta, uma pesquisa interna da empresa, também dona do Instagram, mostrou que a rede social estava impactando a saúde mental de adolescentes. Contudo, a companhia não compartilhou as informações por conta própria. Segundo publicações do Wall Street Journal, jornal o qual a pesquisa foi vazada pela ex-funcionária Frances Haugen, 32% das adolescentes entrevistadas disseram que quando se sentiam mal com seus corpos, o Instagram as fazia se sentir pior. No relatório, um em cada oito usuários relata que o uso do aplicativo prejudica seu sono, trabalho, relacionamentos e paternidade, de acordo com documentos vistos pelo jornal nova-iorquino. Os pesquisadores estimaram que esses problemas afetam cerca de 12,5% dos mais de 2,9 bilhões de usuários do aplicativo, o que equivale a mais de 360 milhões de pessoas. No documento, os pesquisadores disseram que as descobertas foram resultado do uso compulsivo do aplicativo pelos usuários, que reflete o que é conhecido como “vício em internet”.

Av. Paulista, 900 - 5º andar - CEP 01310-940 - São Paulo – SP - Tel.: (011) 3170-5880 | 3170-5881 | 3170-5883 Fax: (011) 3170-5891 - www.casperlibero.edu.br – e-mail: faculdade@casperlibero.edu.br



Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações
Públicas, Rádio, TV e Internet Especialização e
Mestrado em Comunicação

Conclusão

Por fim, em Psicopolítica, Han parece ter achado uma solução para evitar o poder inteligente: a idiotização. Em um mundo dominado por tecnologias cada vez mais espessas, para recuperar as rédeas da própria vida de modo que não sofra mais com manipulações ou violências neuronais, o sujeito deve renunciar às redes, à superexposição e à tecnologia, se tornando uma espécie de alienado. Sua idiotização traria um conforto aquém da *infoxicação* e manipulação digital, e talvez impedindo, com o tempo, a *desinteriorização* do sujeito. Seria, então, como a barreira de uma represa, impedindo que alguém se perca novamente no meio da colonização

silenciosa de comportamentos e mentes. Por outro lado, em termos práticos, o pensamento parece utópico e inviável. E, para alguns, como eu, que nasceram com o crescimento quase inexorável da internet, é também assustador. Talvez poucas pessoas consigam se empenhar em idiotizar suas vidas ao ponto de negarem qualquer tipo de vínculo com o mundo virtual.

Um trabalhador comum, por exemplo, não tem a escolha de renunciar. Mesmo se ele ou ela não trabalhem diretamente com o digital e sejam estritamente manuais, o vínculo com o panóptico permanece vivo. Seja por checar compulsivamente as redes ou passar as horas vagas consumindo informações online, nem todos têm este mesmo direito, e acredito que Han sabia fielmente disso. Só não quis, como muitos outros, ser o mensageiro unicamente das más notícias, e propôs uma solução inviável - mas não tecnicamente errada.

A solução para o fim da cegueira social tampouco estaria posta nas antigas estruturas de dominação. A violência da negatividade, baseada na privação da liberdade e nos panópticos, ficou para trás. Dessa forma, é possível afirmar que as redes sociais violentam o ser por intermédio de um estímulo constante à psique de forma positiva.

Av. Paulista, 900 - 5º andar - CEP 01310-940 - São Paulo – SP - Tel.: (011) 3170-5880 | 3170-5881 | 3170-5883 Fax: (011) 3170-5891 - www.casperlibero.edu.br – e-mail: faculdade@casperlibero.edu.br



Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações
Públicas, Rádio, TV e Internet Especialização e
Mestrado em Comunicação

Referências bibliográficas

HAN, B. C. **No Enxame**: perspectivas do digital. São Paulo: Ed. Vozes, 2018.

HAN, B. C. **Topologia da Violência**. São Paulo: Ed. Vozes, 2011.

HAN, B. C. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. São Paulo: Ed. Âyiné, 2014.

HAN, B. C. **Capitalismo e impulso de morte**: ensaios e entrevistas. São Paulo: Ed. Vozes, 2021.

Jaqueline Zandona Bartkowiak , Thatiane de Almeida Fonseca, Gabriel Motta Mattos e Vitor Henrique do Carmo Souza, *CADERNOS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS*, v. 10, n.1, 2017 66 **A PRIMAVERA ÁRABE E AS REDES SOCIAIS: O uso das redes sociais nas manifestações da Primavera Árabe nos países da Tunísia, Egito e Líbia.**

Av. Paulista, 900 - 5° andar - CEP 01310-940 - São Paulo – SP - Tel.: (011) 3170-5880 | 3170-5881 | 3170-5883 Fax: (011) 3170-5891 -
www.casperlibero.edu.br – e-mail: faculdade@casperlibero.edu.br